

Movimentos Sociais em Diálogos e Convergências: a Auto-Organização das Mulheres

FERREIRA, Luciane Rocha¹

PIELKE, Márcio²

Resumo

Há muito vimos nos tornando pessoas isoladas. A sociedade do consumo sofre de um encantamento alienante que acomete as pessoas e as coisas, na medida em que as coisas são mais importantes que as pessoas, dizemos que há um processo de *coisificação* onde inclusive os seres humanos se tornam *coisas*. Em busca de contraposição a esta realidade alguns setores marginalizados da sociedade capitalista decidiram se organizar e sonhar juntos pela construção do *inédito viável* que seja capaz de manchar de cem cores o tom homogêneo cinzento fosco que o capitalismo forjou como única identidade nacional, cultural e política. Nossa discussão traz para compartilhar um recorte de uma pesquisa concluída de Mestrado, que problematiza a construção de uma ideia de união, solidariedade pela conquista da humanidade perdida através dos esquemas e mecanismos que o capitalismo produz e reproduz. A partir da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty em diálogo com Paulo Freire, e a Sistematização das Experiências (JARA, 2006), trazemos um “olhar” por sobre o I Encontro Nacional de Diálogos e Convergência. Um encontro dos Movimentos Sociais Populares que contribui com uma reflexão feminina sobre as lutas diárias de algumas experiências do nosso Brasil. São algumas mulheres, integrantes de diversos Movimentos Sociais num diálogo de *denúncia* e *anúncio* por uma vida melhor.

Introdução

Esta discussão é um recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação que foi tecida a partir de toda uma vivência no Movimento Social Popular (MSP) da Economia Popular Solidária (EPS). A Universidade, neste cenário, é percebida como um lugar em disputa, aonde é urgente a construção solidária de uma cultura dialógica entre os diversos saberes. O que queremos compartilhar é a possibilidade de contemplar a vida vivida concretamente dentro da

¹ Doutoranda em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Bolsista Capes/PROEX. Grupo de Pesquisa Mediações Pedagógicas e Cidadania da Linha de Pesquisa Educação, Desenvolvimento e Tecnologias - Orientador Telmo Adams. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Educação do Campo, Saberes Pantaneiros e Sócio Economia Solidária. Graduada em Pedagogia pela mesma Universidade. Militante do Movimento Social Popular da Economia Popular Solidária.

² Graduando em Engenharia Ambiental e Sanitária na ULBRA/Canoas-RS. Militante do Movimento Social Popular da Agricultura Familiar.

luta dos MSP de forma articulada com os saberes teóricos produzidos no interior da Universidade Pública: uma aproximação que precisa ser fortalecida. A pesquisa maior em questão tratou da problematização do processo de formação humana e política que acontece no interior do MSP da EPS através da experiência de um Empreendimento Econômico Social (EES), informal, urbano, de uma periferia de Cuiabá/MT, formado exclusivamente por mulheres: Grupo MUDAR³. O processo de formação política, pedagógica, técnica, ética, estética e solidária como estratégia de enfrentamento e superação de diversas situações-limites⁴ vivenciadas por sujeitos que optaram por se organizar de forma coletiva e autogestionária foram elementos da pesquisa participante para a compreensão do fenômeno educativo que permeava muitos momentos de organização deste Grupo e do próprio MSP da EPS no MT.

Enquanto estratégia metodológica e epistemológica para reflexão e discussão o diálogo foi estabelecido entre Paulo Freire (1987) e Merleau-Ponty (1996) a partir de uma pesquisa qualitativa com viés dialético-fenomenológico crítico, por acreditar que tais leituras só alcançariam determinada legitimidade pela possibilidade de irem além das evidências/aparências, em uma relação com o objeto de estudo em questão de forma aberta, *antidualista* e *antireducionista*. Nesta oportunidade o exercício sistemático e reflexivo de “olhar” sobre as diferentes perspectivas e horizontes teve o aporte metodológico da Sistematização das Experiências por entendermos que:

Sistematizar permite, assim, diferenciar os elementos constantes dos ocasionais; os que ficaram sem continuidade no trajeto, os que incidiram em novas pistas e linhas de trabalho, os que expressam vazios que apareceram muitas vezes. Assim, permite determinar os momentos de aparecimento, de consolidação, de desenvolvimento, de ruptura, etc., dentro do processo e como os diferentes fatores comportaram-se em cada um deles. Nesse sentido, a sistematização possibilita entender a lógica das relações e contradições entre os diferentes elementos, localizando coerências e incoerências: por exemplo, entre a dinâmica do processo particular que realizamos e os desafios que a dinâmica social geral havia colocado para nossas práticas (JARA, 2006, p: 30).

O campo da vida social que aqui iremos compartilhar acontece em uma dinâmica complexa e contraditória, onde as objetivações das consciências e das intencionalidades se dão na concretude da vida, e é na arena da vida onde me percebo e sou percebido, em um

³ Grupo MUDAR – Mulheres Unidas Determinadas na Ação pelo Reconhecimento – Dissertação: A Economia Solidária Enquanto Estratégia de Emancipação Política: O “olhar” fenomenológico que o Grupo MUDAR lança sobre seu processo de formação.

⁴ “Situações-limites” são constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos e, ao mesmo tempo, levando-os a perceberem como fatalismo aquilo que lhes está acontecendo (OSOWSKI, p. 384 – In STRECK, Dicionário Paulo Freire, 2008).

movimento não linear, confuso por vezes e repleto de contradições. A Sistematização das Experiências, tendo como pano de fundo a percepção sensível por sobre tais questões, conforme Merleau-Ponty diz (1994, p. 26), acolhe em si muitas possibilidades:

Construímos a percepção com o percebido. E, como o próprio percebido só é evidentemente acessível através da percepção, não compreendemos finalmente nem um nem outro. Estamos presos no mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo.

Neste momento, queremos compreender como algumas pessoas que participam da EPS estão tecendo sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmas, dentro dos processos de legitimação deste “inédito viável⁵”. O presente texto tem como objetivo compartilhar um “olhar” possível, entre tantos, sobre uma discussão política a respeito da necessidade de auto-organização das mulheres. No Encontro de Diálogos e Convergência, a auto-organização das mulheres esteve no centro das discussões. Uma construção que exige necessariamente romper paradigmas para a conquista da libertação das mulheres...

Diálogos e Convergências

As diversas frentes e Bandeiras de luta destes MPS, com seu lugar e perspectiva distintas e singulares, possuem, por vezes, horizontes muito semelhantes. Seu ponto de partida é divergente, contudo o direito pela vida é a energia que alimenta, realimentam e da convergência a estas manifestações de resistência ao capitalismo. Nesta oportunidade trazemos para um compartilhar algumas percepções, discussões e reflexões tecidas durante o I Encontro Nacional de Diálogos e Convergências: Agroecologia, Saúde e Justiça Ambiental, Soberania Alimentar, Economia Solidária e Feminismo, que foi sediado na cidade de Salvador/BA entre os dias 26 a 29 de setembro de 2011. Atividade que reuniu representantes de milhares de trabalhadoras e trabalhadores, dos campos, das florestas e das cidades - com percepções, desejos, e sonhos distintos, mas, sobre tudo, de projetos de vidas:

Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais deusas especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha

⁵ O inédito viável não é uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma palavra na acepção freireana mais rigorosa. Uma palavra-ação, portanto práxis, pois não há palavra verdadeira que não seja práxis, daí, quer dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (FREIRE, 1975, p. 91 IN STRECK, 2008, p. 231).

profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade (FREIRE, 1993, p. 100).

Esta grande articulação veio tomando corpo a partir da aproximação entre estes diversos MSP, fenômeno este que simboliza uma forma diferenciada de resistência e enfrentamento que surge como resposta contra a lógica do capitalismo. Os Grupos que se organizaram para esta atividade articulada: Associação Nacional de Agroecologia (ANA), Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA), Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional (FBSAN), ABRASCO, Rede Alerta contra o Deserto Verde (RADV), Marcha Mundial de Mulheres (MMM) e a Associação de Mulheres do Brasil (AMB).

Para **sulear**⁶ as discussões de forma articulada, estes coletivos pensaram em temas a serem discutidos a partir da apresentação de algumas experiências de vidas relacionadas diretamente com os macros temas presentes no Encontro. Os mesmos se referem diretamente as Bandeiras de Lutas comuns a todos os MSP presentes que foram debatidos por cerca de 300 pessoas, representantes de EES, Assessorias e Militantes ligados direta ou indiretamente com algum dos MSP mencionados durante três dias. Traremos para o “olhar” reflexivo uma discussão organizada pelo Movimento de Organização das Mulheres que aconteceu antes das Sessões Temáticas com o tema “A Autonomia e a Auto-Organização Políticas das Mulheres”. Fundamentalmente nos momentos de formação, de confraternização, do compartilhamento de experiências, de *denúncia* e *anúncio*, de resistência e enfrentamento; em meio à estes a mística que envolveu todos foi uma só: a VIDA, o BEM VIVER.

A Autonomia e a Auto-Organização da Mulher

Foi pensando para esta atividade três momentos específicos: 1. A Socialização de experiências de grupos populares a respeito da auto-organização das mulheres - Depoimentos; 2. Abrir o debate específico sobre as questões levantadas pelos depoimentos compartilhados; 3. Plenária sobre o todo apresentado e discutido como estratégia de construção conjunta de possibilidades frente aos enfrentamentos necessários.

A vida neste momento é colocada de forma privilegiada para que se busque colocar em evidencia através da experiência *encarnada*, a situação de vida de forma ampla através dos relatos das mulheres. Seus sabores e dissabores, suas esperanças e medos. Uma verdade

⁶ O termo “sulear” tem sido utilizado, de modo explícito, por Freire no livro *Pedagogia da Esperança* (1994, p. 218-219). [...] Como contraponto ao “nortear”, cujo significado é a dependência do Sul em relação ao Norte, “sulear” significa o processo de autonomização desde o Sul, pelo protagonismo dos colonizados, na luta pela emancipação (STRECK *et al*, p. 396, 2008).

que o Capital insiste em camuflar, em reduzir à manifestações pontuais de vitimização e fragilidade feminina.

Vidas em Destaque – Experiências de auto-organização:

1. **Rede Xique-Xique:** as Redes têm um importante papel ou função social, espaço que nos provoca, que se envolvem no processo de formação humana e política, o que acaba por promover certa autonomia e empoderamento suficientemente libertador nas mulheres envolvidas. Nesta perspectiva, a sua atuação frente à auto-organização é fundamental, pois dá oportunidade da fala e da valorização das trajetórias de vida, de enfrentamento e superação das situações de violência doméstica, simbólica e histórico - cultural. Estas iniciativas de superação incomodam muito o sistema legitimado, mas o desejo por *ser mais* das pessoas é maior. A ES é uma oportunidade para consolidar este sonho viável, o diálogo e a convergência só depende de cada uma e cada um. A colaboração mútua é o diferencial da proposta, sem fins tão somente econômicos.

2. **Fórum Sindical da Borburema:** O trabalho que desenvolvem é mais focado na Agricultura Familiar com ênfase na Agroecologia. A leitura compartilhada da situação local e da região é percebida como um dos princípios que visam o protagonismo dos sujeitos. O trabalho parte de uma realidade que são as desigualdades de relação dentro da família e da sociedade como um todo. Como estratégia política pedagógica parte-se de toda uma formação que vem dos conhecimentos produzidos pelas mulheres, saberes populares que são desconsiderados, relegando à invisibilidade toda a contribuição destas para com o cuidado com a família, com a terra, na própria geração de renda e na esfera do fazer política no cenário mais amplo. As experiências criativas meio às “situações-limites” são o ponto de partida nesta Rede. O estímulo às práticas de intercâmbios foi um ponto significativo pelas partilhas e trocas de saberes e sabores de vida, de outras oportunidades de “inéditos viáveis”.

Nesta perspectiva, muitas dimensões são trabalhadas: Fundos Rotativos; pólos produtivos alternativos de manejo agroecológico; problematização e enfrentamento da situação de gênero contra o caráter de banalização ou naturalização das desigualdades de todas as dimensões que fortalece a invisibilidade dos frutos produzidos por elas. Uma estratégia encontrada pelo coletivo é a sistematização das experiências, o que colabora com o processo de resgate e valorização identitária das mulheres do campo e das florestas. A identidade coletiva neste movimento também é definida, assumida e cada vez mais fortalecida por estas mulheres, com vistas a sensibilização da sociedade como um todo. Acredita-se que a

democratização do conhecimento é o ponto central da Agroecologia e da auto-organização das mulheres, e isso já está fazendo a diferença frente ao protagonismo das mulheres nesta Comunidade fazendo com que já estão começando a assumir espaços políticos junto aos Sindicatos, Conselhos, Fóruns entre outros que eram espaços ocupados tão somente pelos homens. A formação política é central para a construção de uma nova realidade.

3. Grupo de Produção Agroecológica – PIQUIRI/RS – ANA/MMC: O que possuem de distinto é a forma de se organizar, mas as intencionalidades são as mesmas. E são estas as convergências que podem fortalecer os Grupos. Este movimento todo é um contra-ponto ao que está posto, isso é básico. Desde 2000 se iniciou a luta pela auto-organização das Mulheres nesta experiência. Aqui, não diferente das demais, a luta é pela valorização da contribuição das mulheres para toda uma construção diferenciada da legitimada pelo capital. Em 2004 esta identidade foi afirmada, enquanto Movimento Feminista Camponesa. A construção deste feminismo foi uma afronta à cultura paternalista e patriarcal, heteroconstruída e alheia ao que é próprio do feminino.

A construção da consciência crítica está hoje em baixa, esta é uma leitura de conjuntura feita a partir do que está sendo percebido pelo coletivo do MMC, mas isso só reflete o poderoso esforço das grandes indústrias e empresas, do agronegócio e de interesses internacionais em bombardear os MS de resistência, enfrentamento e alternativas ao que está posto. No âmbito cultural e social um grande desafio é a reconstrução de valores perdidos pela cobiça do Capitalismo. Um mundo cada vez mais individualizado impera a violência de todas as formas. Estas relações são cada vez mais massificadas pelos aparelhos ideológicos, reforçando a invisibilidade e naturalização das desigualdades e injustiças sociais. A natureza dentro deste cenário é refém, e junto com ela o feminismo.

Assim sendo, é preciso repensar, problematizar em todos os níveis estas duas dimensões, pois apesar de uma determinada ampliação em termos de espaços de discussão como este e outros tantos, ainda são pontuais ou insuficientes para a reafirmação do lugar da mulher nesta sociedade. Empoderar as mulheres é também colaborar para com o enfrentamento e superação da violência contra as mulheres, é melhorar a economia local e regional. Recuperar o “ser mulher” nesta perspectiva é fundamental, isso no individual e no coletivo. A auto-estima perpassa questões superficiais, vai além alcançando o senso crítico das envolvidas. E preciso discutir a sexualidade, afetos, gostos, identidade e recuperar a autonomia sobre o próprio corpo: **É O ESTAR EFETIVAMENTE NAS SITUAÇÕES DE DEFINIÇÃO.**

4. Grupo de Quebradeiras de Cocos/Nordeste: A lembrança mais recente é a luta contra os latifundiários a partir de 1992, inicialmente a partir dos Sindicatos, mais precisamente no momento que conseguiram ir além do espaço destinado aos “informes”. Pautar as lutas reais foi uma conquista. É muito complicado assumir esta responsabilidade, pois não ter apoio político é um grande desafio. Sem condições ainda estão lutando, muitas vezes para a sociedade local ainda é insignificativa a inserção desta ação produtiva enquanto organização econômica e política, mas para quem é quebradeira de coco no Maranhão muita diferença já se percebe, só de poder participar de um momento de discussão política como os que os diversos MS articulam já é um grande avanço.

A mudança de vida é um processo cultural que não se rompe de um ano para o outro. A visão ainda é estreita pela realidade de vida que até então lhes fora imposta. O envolvimento da juventude para a continuidade desta herança cultural é uma questão que preocupa este coletivo, a renda não é atrativa, o mercado não absolve a produção, a comercialização tem estes entraves: uma cultura que corre riscos de se perder devido a não valorização das futuras gerações devido as condições reais de vida no campo e nas florestas. Apesar disso, há mudança entre as que estão neste processo, a “fala” – a palavra - é percebida enquanto a primeira grande conquista, depois a participação nas formações, na organização da comercialização, articulando na medida do possível estas duas dimensões de forma pedagógica. Já há uma valorização na identidade e na produção de conhecimento e vida. Babaçu livre: esta é a luta destas mulheres, uma política pública que possa lhes garantir renda.

O latifúndio ainda é um enfrentamento. E a liberdade conquistada neste contexto é motivo de cobrança e discriminação da sociedade como um todo, muitas vezes da própria família, o envolvimento de uma mulher camponesa nestas condições é um desafio constante! O saber do trabalho e da vida precisa estar aliado ao saber da escola, esta tem que viabilizar aquela, como isso não acontece se aprofundam as contradições e dificuldades. A ação das Universidades frente a formação inicial dos futuros professores de forma a trazer esta necessidade como elemento de uma ação pedagógica diferenciada é fundamental. A luta pela autonomia com liberdade precisa ser uma luta diária.

Considerações: Aproximações entre o que temos e o que queremos

Percebemos a partir da síntese das experiências compartilhadas que a caminhada trilhada pela auto-organização das mulheres, mesmo que de maneiras distintas, e sua luta/enfrentamento são verdadeiros “inéditos viáveis”. Feito com um investimento pessoal e

coletivo que não é simples. Por isso mesmo que muitas companheiras ficam pelo caminho, mas nem mesmo por isso o coletivo desiste do feminismo. É um processo repleto de dificuldades que precisam ser registrados. As sistematizações podem trazer as realidades em muitas experiências, endossando os depoimentos compartilhados. A expropriação do fruto da sua força de trabalho é uma prática que insiste e persiste entre as relações sociais, e é o que junto com toda a ação de desvalorização da atuação das mulheres frente à participação política desestimula e traz consigo toda uma violência simbólica real.

A sistematização das experiências surge neste diálogo como uma estratégia de formação política e pedagógica. É importante dizer que nossa proposta de compreensão da realidade, da construção de sentidos vem ao encontro desta ideia como estratégia de construção coletiva de sentidos e significados. Para o enfrentamento cotidiano destes grupos ela se constitui como prática educadora, de auto-avaliação e elemento de auto-organização política, contribuindo no enfrentamento à perpetuação das desigualdades *do poder, do ser e do saber*, principalmente no que tange à participação das mulheres.

Entre as experiências a invisibilidade do trabalho das mulheres também se repete: divisão do trabalho que precisa estar em foco para transformação. A luta pela autonomia perpassa o econômico, precisa ser política e de transformação estrutural da cultura social, onde a postura da sociedade precisa ser revista. Com isso posto é urgente repensar que autonomia se deseja (re)produzir: antes, o que estamos a chamar de autonomia? Como (re)fazer a reprodução da vida, do modo de organização social, do mundo do trabalho? Vivemos à margem do Agronegócio e lutamos por uma Agricultura Familiar e pela Agroecologia, mas a questão é: o que efetivamente precisamos fazer para avançar neste direito de produção que insistem em aniquilar? Enfim, como nos empoderar e lutar pela autogestão quando é a mercantilização da vida que predomina nas relações, então como reinventar novas relações?

Bibliografia

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

STRECK, Danilo (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.